

Numéro

BRASIL

HOMEM

06

Moda

06

Numéro
HOMEM

SETEMBRO/OUTUBRO/NOVEMBRO 2026 - NÚMERO 06

127

Casa couture

Clarisse Merlet reinventa o décor de interiores com um gesto inovador: transformar roupas e tecidos – do fast fashion a metros de seda de grandes marcas – em tijolos e móveis únicos.

por Simone Esmanhotto

DÉCOR – CLARISSE MERLET



Maio é um mês preguiçoso na França, com um *je ne sais quoi* de fevereiro brasileiro, com tantos feriados que gente de agenda cheia se permite sair de Paris e trabalhar à distância, decidindo planilhas e criações nos intervalos da boa vida. Clarisse Merlet tem um recorde de encomendas a cumprir. É de Essaouira e Marrakech, entre passeios no deserto e nos souks marroquinos, que ela se ocupava de um projeto para a LVMH e da novíssima coleção de alta-costura – ou melhor, da coleção de móveis de alta-costura que acaba de lançar. À frente da FabBRICK – junção entre *fabric* (tecido) e *brick* (tijolo) –, criada em 2018, Clarisse passou perto de fechar as portas do ateliê para entrar, com os tijolos patenteados, para a coleção permanente do Musée des Arts et Métiers, instituição que conserva as invenções e o *savoir-faire* feito na França. Numa pausa com chá de menta, ela conversou com a *Numéro Brasil*.

Simone Esmanhotto: A perda dos pais, uma dívida de mais de um milhão de euros, um sentimento de vergonha e a quase morte do gato que acaba por salvar a sua vida. Você dividiu tudo isso no palco do TEDx, dedicado aos talentos das artes e dos *métiers* no fim do ano passado.

Clarisse Merlet: Eu queria transmitir uma única mensagem: não importa o que aconteça na nossa vida, se amamos o que fazemos, se estamos alinhados com o que temos vontade de realizar, tudo vai dar certo.

SE: Onde é que você desalinhou e como conseguiu se recosturar?

CM: Toda vez que eu dizia que queria estudar arquitetura de interiores, ouvia “que pena, decoração...” Sem encorajamento, acabei cursando arquitetura. Foi preciso a ameaça de fechar as portas para me dar conta de que eu ainda não tinha me divertido com meu trabalho. Eu falava dos tijolos feitos com tecido descartado como materiais de construção, quando uma parede de tijolos de tecido, mesmo com a alta qualidade térmica e acústica, é um elemento decorativo. Era hora de assumir que sempre quis fazer arquitetura de interiores. No começo do ano passado, disse para minha equipe: “Bom, já que a situação financeira está complicada, vamos encontrar ideias que nos deem prazer de trabalhar”. Eu entendi que podíamos ir além dos tijolos – foi assim que comecei a fazer os móveis.

SE: Mesas e poltronas são fabricadas da mesma maneira que os tijolos?

CM: É o mesmo princípio, mas aqui todas as etapas do trabalho são feitas à mão. Foi Théo, designer que trabalha comigo, que teve a brilhante inspiração de comprimir, dentro das fôrmas de madeira e pela força dos braços, o tecido triturado; é a mesma técnica de quem constrói com terra batida. Com minha cabeça de investidora-empREENDEDORA, eu estava bloqueada na perspectiva de investir num maquinário, em fôrmas de mil formas. Não quero industrializar essa atividade, mas continuar a fazer peças únicas ou séries limitadas.

SE: Como na alta-costura.

CM: Por ora, gosto do projeto de vender o que é produzido pela equipe: nosso design, nossa escolha de cores. O próximo passo é colocar em exposição em galerias de arte. Mas recentemente recebi o pedido de uma cliente para produzir a poltrona F20 a partir de peças do seu guarda-roupa. Achei a ideia ótima! Vamos fazê-la.

SE: Como surgiu a ideia de usar roupas descartadas para fazer tijolos?

CM: Foi em 2016, para um projeto da faculdade, que inventei a matéria-prima do futuro. Peguei duas camisetas velhas num brechó e numa panela misturei fécula de batata e água. Coloquei as camisetas ali, compressei numa fôrma que eu mesma fiz, e funcionou! Depois de formada, quis continuar a pesquisa por uma semana e, no fim, levei um ano de testes até fazer o primeiro tijolo de tecido reciclado do mundo. A etapa é sempre triturar as roupas recuperadas, preparar a pasta feita de trituração e de um colante natural, comprimir, enformar e secar. Minha primeira encomenda foi feita na garagem da casa dos meus pais: em três meses fiz 5 mil tijolos, um a um. O mês de abril desse ano nem tinha terminado, e minha equipe de quatro pessoas fez 11.400 unidades.



Foto: Divulgação.

Acima, a trituração têxtil, segunda etapa do processo. Na pág. ao lado, a peça após a compressão das fibras.

DÉCOR – CLARISSE MERLET



SE: O objetivo é fazer mais, com mais maquinário?

CM: Fazer mais, mas de maneira mais inteligente, sem desperdícios em cada etapa. Mas já está muito claro para nós que não cabe comparar nossos tijolos com azulejos ou pisos de cerâmica, entre outros materiais de construção. Porque cada um dos nossos tijolos de tecido será único, e é isso que vai dar a uma parede um caráter muito mais artístico que estrutural. Então, está fora de questão de automatizar essa etapa da fôrma, porque é minha equipe que consegue avaliar, na sensibilidade e no olho, a beleza de cada unidade. Principalmente no que diz respeito a cor, porque há algo de muito poético na criação da nossa gama. Nenhuma máquina fará isso com a mesma delicadeza.

SE: A cor dos tijolos é um mistério. Como vocês conseguem controlar a variação?

CM: Primeiro, é preciso entender como trabalhamos a cor em geral. Separamos por cor as roupas recebidas em enormes recipientes: azul, branco, etc. No momento de lançar a produção, minha equipe vai pesar um tanto de uma cor e de outra, seguindo um percentual. Por exemplo, tal projeto requer tijolos que levam 10% de branco e 90% de uma determinada cor. No começo, tínhamos apenas três opções: branco, jeans e multicolorido. O multicolorido e o jeans foram os pedidos do meu primeiro cliente. Eu decidi acrescentar o branco porque, a bem da verdade, eu não sabia como obter as cores naquele momento.

SE: Hoje são nove cores. Como você aumentou o arco-íris?

CM: Um novo cliente me pediu laranja. Não recebemos muita coisa nesse tom porque não é uma cor muito usada. Então meu fornecedor teve que ir atrás de uma quantidade específica para essa encomenda. Quando postamos no Instagram, foi um sucesso enorme, e as encomendas de cores diferentes começaram a chegar: os arquitetos ficaram animados e começaram a pedir azul, verde, preto. Decidimos que era hora, então, de criar as nossas cores oficiais: flamingo, terracota, *jungle*, *azur*... Quando você olha de perto, elas são compostas de várias tonalidades diferentes.

SE: Na parede, parece um quadro impressionista.

CM: Por isso é fundamental que a gente saiba, por exemplo, num projeto de degradê, a altura e a largura da parede, para poder projetar essa passagem do mais claro para o mais escuro. Calculamos assim quantos tijolos de cada tipo de tonalidade serão necessários.

SE: Vocês já reciclaram mais de 30 toneladas de roupa. De onde vem tanta matéria-prima?

CM: Pela lei, só podemos recuperar o que não pode ser doado nem *upcycled*. Ou seja, o estado da roupa tem que ser irrecuperável. E eu recupero desde fast fashion a marcas de luxo.

SE: Valentino e afins já foram triturados, é isso?

CM: Já triturei coisas que dão dor no coração, sim. Mas no caso das marcas de luxo, são reciclados os excedentes de produção. Restos de rolo de tecidos, por exemplo, com estampas que pertencem às *maisons*. Normalmente tudo, fibras e origens, é misturado para fazer os tijolos e os móveis. Pela primeira vez vou trabalhar exclusivamente com a seda como matéria-prima, num projeto para a LVMH que ainda está em fase de pesquisa. Porque num tijolo de seda, estamos descobrindo, por conta da gramatura da fibra, devemos colocar muito menos de 200 gramas de tecido na receita. É fascinante!

SE: Como fabricar novos produtos a partir de roupas descartadas impactou sua relação com a moda?

CM: Ah, marcas de fast fashion, que eu usei muito na época da faculdade, hoje são impossíveis para mim. E eu sou adepta dos brechós, das roupas de segunda mão ou de estilistas que fazem *upcycling*. Eu não sei mentir: sou coerente na minha vida e no meu trabalho. Estou alinhada.

Foto: Joséphine Brueder.

Foto: Divulgação.



Acima, fôrma de compressão manual para a produção da poltrona F20. Na pág. ao lado, CLARISSE MERLET na cadeira FabSILLA.



Foto: Divulgação.

Coleção Nova Pedra, criada em 2025 pela FabBRICK.